

O medo enquanto ferramenta de controle e manipulação, e seus desdobramentos na formação presbiteral

Elias Jordan Travassos de Sousa¹

Resumo: O medo, quando aplicado ao processo de caminhada vocacional, funciona como ferramenta de controle e manipulação, podendo gerar até uma exaustão emocional. A questão que se levante é: até que ponto o medo compromete a liberdade de consciência do sujeito? O objetivo é identificar como certas práticas institucionalizam o medo como ferramenta pseudo-formativa. Quanto ao método, busca-se combinar a análise institucional com entrevistas qualitativas realizadas com alguns seminaristas. A conclusão propõe apontar que o medo opera como mecanismo de vigilância, o que pedirá alternativas de acolhimento e espaços de partilha para a promoção da autonomia humana e ministerial.

Palavras-chave: Identidade. Liberdade. Abuso. Religião.

1 Introdução

O medo, que atravessou séculos e gerações, tem um papel contínuo e às vezes até silencioso na história. Entre os séculos XIV e XIX, segundo Jean Delumeau, em sua obra *História do Medo no Ocidente*, seria possível ver experiências de cavalaria, onde eram dadas enormes quantidades de vinho aos cavaleiros, com vistas a inibir o medo, ou seja, o objetivo era cegar os competidores diante do perigo (Delumeau, 2009, p. 16), fazendo com que eles se arriscassem ao máximo. Aqui nota-se a intenção de camuflar o medo.

Durante muito tempo na história da humanidade, o medo foi utilizado como ferramenta de controle e manipulação do pensar, do falar e do agir, limitando assim a capacidade de reflexão crítica e, conseqüentemente, a autonomia do sujeito. É sabido que tal mecanismo pode gerar condicionamentos nas estruturas psíquicas, afetivas e sociais que acabam por ferir a liberdade do próprio indivíduo. Dessa perspectiva, diversos sintomas emergem de tal experiência: pânico, ansiedade, insegurança, retraimento, falta de iniciativa, negação e outros.

Na grande obra de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote* diz: “É o medo que tens, Sancho, que te faz ver e entender tudo mal”. Assim sendo, a experiência do medo distorce a realidade, criando fantasias, figuras e experiências, por vezes, tão desconexas da realidade e dos verdadeiros interesses do indivíduo.

Nesse percurso, a falta de liberdade para a reflexão crítica coloca em evidência que o medo tem sido usado para determinar comportamentos. Ele dita normas e

¹ Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, na linha de pesquisa 1, teologia e temas de fronteira, como bolsista pela CAPES-PROSUC. E-mail: eliasjordan0308@gmail.com



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

impõe observância, pois “[...] aqueles que têm medo se submetem ao domínio” (Han, 2024, p. 31). Tudo que o foge à regra dada pode ser interpretado como desobediência e afronta. E, em se tratando do caminho de formação na vida religiosa, o medo assume um papel ainda mais incisivo: ele nega a identidade do sujeito e compromete o seu desenvolvimento integral.

2 As várias faces do medo

Num primeiro momento, o medo é uma emoção que sob certa ótica, se faz necessário às inúmeras experiências da vida. Nesta leitura, o medo é visto como um mecanismo de autodefesa diante os vários fenômenos que se apresentam ao ser humano, especificamente, sob o viés da atenção, do cuidado e da sobrevivência (Delumeau, 2009, p. 24), seja na perspectiva da sobrevivência pela via histórica, a partir das guerras, das pestes e das demais causas, ou via psicológica, enquanto emoção primária e mecanismo de segurança. A possibilidade de retorno do medo nunca estará descartada (Freud, 2020, p. 33).

Há uma segunda face dessa mesma moeda que se dá quando o medo se torna ferramenta de manipulação do outro, no intuito de obter controle:

O medo secundário pode ser visto como um rastro de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta – um resquício que sobrevive ao encontro e se torna um fator importante na modelagem da conduta humana mesmo que não haja mais ameaça direta à vida ou à integridade (Bauman, 2008, p. 9).

A história e a literatura mostram que muitas foram as personagens que na história da humanidade utilizaram do medo para obter bens, respeito, amor e poder. Assim, sob o prisma da vida religiosa o medo assumiu outro papel, não mais de autopreservação, mas como via de controle e de doutrinação. Noutras palavras, o medo foi sendo utilizado como ferramenta de controle e de manipulação. E isso tem maior destaque entre os séc. XIV e XIX, a partir da visão cosmológica do mundo, vista em três andares: 1) o céu, morada divina e recompensa dos santos; 2) a terra, plano material e provação do merecimento divino; 3) o inferno, lugar de tormento eterno.

A possibilidade de ir para o inferno sempre imprimiu espanto, cautela e obediência aos menos ousados da religião, especialmente num período em que a sociedade era administrada pela religião, que se utilizava do medo como meio para gerir e para dominar. O inverso disso, i.e., a possibilidade de ir para o céu, por vezes, conduziu muitas pessoas a práticas questionáveis.



3 As narrativas do medo

A arte e a literatura são bastante ricas e enfáticas na perspectiva do medo. Uma primeira visualização é a obra do Edvard Munch, O grito. Nela, o artista conseguiu traduzir os sentimentos de angústia, de solidão e de medo. O grito é um quadro que exhibe uma pessoa olhando aterrorizada para o espectador. Um ser rodeado de medo e de ansiedade.

Outra narrativa que poderia ser evidenciada é a clássica tragédia grega chamada Édipo Rei. Édipo, figura central da narrativa, não conheceu seus pais biológicos. Indo ao oráculo de Delfos descobriu o que o destino lhe reservara: matar o pai e unir-se à sua mãe. Com medo e buscando fugir do cruel destino, Édipo acaba concretizando aquilo que a profecia lhe dissera (Kast, 2023, p. 20).

Adiante, partindo da perspectiva religiosa, na literatura, encontra-se a famosa obra do Umberto Eco, O nome da rosa, que retrata exatamente o controle sobre a fé, o conhecimento e o riso. E isso pode ser visualizado na biblioteca secreta, localizada numa espécie de labirinto representando a dificuldade de acesso e de censura, e no riso que era visto como uma ameaça à ordem espiritual. Na referida obra, a ignorância e o medo eram as ferramentas de controle e de domínio.

Dentro da perspectiva da literatura tem-se também o clássico do Ariano Suassuna, O auto da Compadecida. Nessa obra, é possível ver como a religião pode ser usada para impor medo e submissão.

Esse desfecho imprimi a ideia de que o medo, quando excede os limites da consciência, acaba por deturpar uma realidade tornando-a desconcertante e indigesta. É curioso observar que, diante dos vários cenários que no decorrer da história imprimiram medo, encontra-se a religião: hora contrária a tal prática, hora usuária de tal método.

4 A gênese do medo na religião

Sob o prisma da formação religiosa, o medo começou a ganhar espaço nas igrejas, nos templos e nas casas de formação, ao longo dos anos. E onde isso se localiza? Nos vários elementos que foram sendo incorporados ao itinerário formativo dos futuros profetas de Cristo estão a obediência, a castidade, a pobreza, o silêncio e o próprio medo. E esse se tornou o pecado capital de um clero, muitas das vezes, sobrecarregado, por acreditar que precisa dar conta de tudo, temeroso de retaliação e emocionalmente instável por não se abrir às experiências de partilha, com receio de ser visto como fraco:



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

Medo de falhar, medo de não atender às nossas próprias expectativas, medo de não acompanhar o ritmo ou medo de ficar para trás. É justamente esse medo ubíquo que aumenta a produtividade (Han, 2024, p. 23).

São várias as realidades conhecidas em que a religião, ou melhor, alguns de seus líderes tomaram proveito de situações/pessoas em detrimento próprio, imprimindo o medo como via de controle. Um dos períodos da história humana mais sombrios foi a idade média, onde o assédio moral por parte da autoridade eclesial teve significativa influência na política, na economia e na cultura. Esse cenário leva ao questionamento acerca do papel que as religiões desempenharam na disseminação do medo entre culturas, povos e gerações.

O medo gera uma dicotomia na leitura da realidade e no comportamento humano. Ele, por vezes, acaba por definir/determinar o comportamento, porque tudo depende das consequências que serão geradas por aqueles que elaboram as regras e as consequências do seu não cumprimento: ira divina, tormento, castigo, infelicidade. Nesse contexto, convém mencionar o chamado abuso espiritual:

Trata-se de um abuso mais difícil de identificar; pelo fato de revestir-se com o mando ou com a auréola do sagrado e, por isso mesmo, disfarçar-se de legítimo interesse pelo bem da Igreja e pela santificação do outro, recorrendo ao nome de Deus para imposição de um poder e de uma autoridade que violam o terreno sagrado da consciência da pessoa (Perissé, 2024, p. 8).

5 Um processo formativo deficitário

Dentro do campo religioso, especificamente da formação presbiteral, o medo ganha espaço nas mais recônditas esferas da caminhada. Ele vai se instalando nas etapas formativas de forma cada vez mais incisiva, tornando-se como que algo imperceptível, silencioso. Aos poucos, passa a determinar comportamentos, limitando escolhas, silenciando falas, em geral impedindo a autonomia do indivíduo. Tal realidade torna-se visível na própria caminhada, quando os sinais são retraimento, desconfiança, hipervigilância, autocensura, como também autossuficiência e impulsividade.

Quando o medo é abordado como ferramenta de controle e manipulação na formação presbiteral, disciplinando comportamentos e legitimando hierarquias, ele mantém um controle das consciências, o que acaba gerando pânico, ansiedade, insegurança e, conseqüentemente, exaustão emocional. Destarte, quando há dependência e submissão, acaba-se por ferir a liberdade e negar o seu processo de humanização. Esse é um “perigo que espreita constantemente o sentimento religioso” (Delumeau, 2009, p. 25).

Nesse ínterim, se o processo de formação normaliza a utilização do medo como mecanismo de vigilância e sanção, ela acaba produzindo um distanciamento afetivo e efetivo, além da fragilidade relacional entre formandos e formadores, pois ele “[...] bloqueia os acessos ao outro” (Han, 2024, p. 12).



No contexto da formação presbiteral, o medo torna-se um recurso que se manifesta de maneira sutil ou, por vezes, até explícita, seja na imposição de normas rígidas, seja na ameaça de punições pessoais ou comunitárias. O medo, nesse sentido, não apenas molda comportamentos, mas também influencia a maneira como os futuros presbíteros irão exercer sua missão pastoral. Desse ponto de vista, o Gabriel Perissé falava dos vários níveis de abuso religioso, citando, inclusive, que os mais graves podem levar a pessoa à depressão profunda e à tentativa de suicídio (Perissé, 2024, p. 22).

É bom lembrar que a Teologia Moral insiste na necessidade de formar consciências livres e responsáveis. Dessa perspectiva, a moral cristã não se reduz a um conjunto de normas impostas, mas ela busca despertar no sujeito a capacidade de discernir e de agir de forma responsável diante de Deus e da comunidade. Quando o medo é utilizado como ferramenta (pseudo)pedagógica na formação presbiteral, corre-se o risco de criar líderes religiosos que obedecem por temor, mas não por convicção e por responsabilidade.

Por conseguinte, isso poderá gerar presbíteros inseguros, dependentes de regras externas e, muitas das vezes, inclinados a reproduzir práticas autoritárias em suas comunidades. É aquela ideia de que uma pessoa ferida tem a tendência de ferir outras.

6 Novos areópagos da missão presbiteral

As grandes metrópoles contemporâneas marcam significativamente a vida urbana com a pluralidade cultural, a secularização, a desigualdade social e os desafios éticos complexos. O presbítero que foi formado sob a lógica do medo pode se sentir despreparado para dialogar com realidades tão diversas e dinâmicas. Em vez de promover abertura e acolhimento, poderá recorrer a discursos moralistas e excludentes, o que acabará criando e reforçando barreiras entre a Igreja e a sociedade.

Diante do cenário para o qual se caminha é preciso oferecer critérios que superem o medo e promovam uma ética da responsabilidade, da compaixão e da solidariedade. A vida nas metrópoles exige presbíteros capazes de enfrentar dilemas éticos relacionados à violência, à exclusão social, ao consumismo, à solidão e à manipulação midiática. É preciso responder aos desafios que a violência do medo representa para a consciência cristã (Rubio, 2021, p. 11), não com fórmulas prontas ou com ameaças de punição, mas com discernimento crítico e pastoral.

A formação presbiteral, portanto, precisa preparar líderes que saibam lidar com os diversos medos urbanos: medo da violência, da marginalização, da perda de sentido. Mas isso só é possível se a formação superar a lógica do medo e se fundamentar na liberdade de consciência e na dinâmica da compaixão.



Uma questão bastante relevante é que a figura de Cristo, que constantemente se dirigia aos discípulos com a expressão “Não tenha medo” (Jo 14,27), faz um convite para uma mudança de paradigma, com vistas a uma lógica de discernimento maduro e de autonomia. A formação presbiteral, portanto, deve inspirar-se nesse horizonte formando líderes que transmitam confiança e esperança, não medo e submissão.

Em síntese, pode-se dizer que o uso do medo como ferramenta de controle compromete a autenticidade da formação presbiteral e a eficácia da ação pastoral. A vida urbana exige presbíteros capazes de dialogar com a diversidade, enfrentar dilemas éticos complexos e oferecer respostas que, verdadeiramente, libertem, não que aprisionem.

7 Considerações finais

Sabendo que o medo atua como subsídio de doutrinação, disciplinando e moldando a subjetividade presbiteral, para reverter seus efeitos é necessário reformular algumas práticas formativas, incorporando a formação emocional, a supervisão psicológica e espaços regulares de partilha.

A proposta de superação para tal cenário precisa contemplar uma caminhada fundada na liberdade de consciência, na responsabilidade e na compaixão, valores que se tornam urgentes para a missão na era hodierna. Superar o medo como instrumento de manipulação é, portanto, condição essencial para formar presbíteros que sejam verdadeiros pastores, capazes de guiar suas comunidades com coragem, esperança e amor.

No encontro com os jovens na universidade de Lisboa, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude (2023), o Papa Francisco afirmou: “Estamos num parto. Não no final, mas no início de um grande espetáculo. Portanto, não sejais administradores de medos, mas empreendedores de sonhos”.

Se a caminhada construída no processo de formação e discernimento vocacional conseguir contemplar tais propostas, com certeza, muitas vidas se tornarão mais leves, autênticas e empáticas, porque não precisarão do peso do disciplinamento, no sentido negativo do termo, visto que não haverá medo para controlar e manipular, ao contrário, será possível, por meio da escuta, da acolhida e da caminhada conjunta, construir identidade e autonomia.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.



DEUS HABITA ESTA CIDADE

Anais Eletrônicos do II Congresso Teológico de Pastoral Urbana | Recife 2026

COURTINE, Jean-Jacques; PIOVEZANI, Carlos. **A era da ansiedade**: discursos do medo no império das emoções. Petrópolis, RJ: Vozes, 2026.

CREA, Giuseppe; SANAGIOTTO, Vagner. **Aspectos psicológicos do discernimento vocacional**: itinerário formativo para o discernimento das vocações. São Paulo: Paulinas, 2022.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Trad. de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e medo**. Trad. Renato Zwick. Rev. Márcio Seligmann-Silva. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020.

GARCÍA RUBIO, Afonso. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **O espírito da esperança**: contra a sociedade do medo. Trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

KAST, Verena. **O sentido do medo**: como medos se instalam e como eles podem ser transformados. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Trad. Paulo Menezes. 10ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

LIBÂNIO, J. B.; MURAD, Afonso. **Introdução à Teologia**: perfil, enfoques, tarefas. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MIRANDA, Tomás Rodríguez. **A direção espiritual**: pastoral do acompanhamento espiritual. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2009.

PAPA FRANCISCO. **Viagem Apostólica por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude**. Disponível em:
<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-universitari.html>. Acesso em 2 de junho de 2026.

PERISSÉ, Gabriel. **Abuso espiritual**: a manipulação invisível. São Paulo: Paulus, 2024.

